

A SELVAGEM EXPLORAÇÃO DO “MEU POVO” - MQ 3,1-4

The savage exploitation of "my people" (Micah 3,1-4)

Luiz Alexandre Solano Rossi*

Érica Daiane Mauri**

RESUMO

No livro do profeta Miqueias, a violência se manifesta sob as mais diferentes formas e atinge pessoas reais, ou seja, homens e mulheres que têm endereço, família e direito à vida. Todavia, trata-se de uma violência que atinge as pessoas de maneira seletiva, ou seja, os camponeses estão sofrendo a violência através das mãos de seus líderes. Por isso, Miqueias nos mostra que a violência e a pobreza não podem ser consideradas dados naturais ou divinos. Por trás de cada ato de violência está a mão de um sujeito da violência, com suas múltiplas formas de opressão. E entre a violência do violento e a vítima – meu povo – que se arrasta para sobreviver se encontra o profeta com sua palavra denunciadora.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Meu povo. Opção. Libertação.

ABSTRACT

In the book of the prophet Micah, violence manifests itself in the most different forms and reaches real people, that is, men and women who have address, family and right to life. However, it is a violence that affects people in a selective way, that is, the peasants are suffering violence through the hands of their leaders. Therefore, Micah shows us that violence and poverty can not be considered natural or divine data. Behind every act of violence is the hand of a subject of violence, with its multiple forms of oppression. And between the violence of the violent and the victim - my people - who creeps to survive is the prophet with his word of denunciation.

KEYWORDS: Violence. My people. Option. Liberation.

1 INTRODUÇÃO

Para conhecer o Deus de Abraão, Isaac e Jacó e também de Jesus, é preciso conhecer aqueles a quem Ele escolheu para compor o “seu povo”. É por meio das aflições, gritos e clamores deste povo que Ele desce (Ex 3,7) e arma sua tenda no meio de nós (Jo 1,14), pois foi para os seus pequeninos que tudo foi revelado (Mt 11,25). Assim, conhecer este Deus é antes de tudo reconhecer aqueles que foram escolhidos por Ele, pois é por meio deles e para eles que este Deus se revela ao longo da história

O profeta Miqueias nos ajuda nesta compreensão, ao nos mostrar claramente quem é “o povo” de Javé e quem não é. Ao apresentar de quem Javé “esconderá sua face” e

* Doutor em Ciências da Religião; pós-doutor em História Antiga (UNICAMP) e pós-doutor em Teologia (Fuller Theological Seminary). E-mail: luizalexandrerossi@yahoo.com.br

** Especialista em Bíblia pela PUCPR e mestranda em Teologia pela PUCPR. E-mail: ericadmauri@gmail.com

“não ouvirá seu clamor”, o profeta nos ajuda a identificar as ações que levam a uma vivência da fé verdadeira e qual nos afasta dela. Rossi e Erdos (2013, p. 95) revelam uma faceta dos profetas muitas vezes esquecidos:

O profeta não pode ser considerado somente como se fosse um reformador religioso, ele está inserido na luta política de sua comunidade. As suas críticas e denúncias têm caráter político. Ele está preocupado em reformar as estruturas antigas que trazem ao povo a opressão e mostrar novos horizontes. Sua preocupação é alertar as lideranças que estão no poder, de que se esqueceram das causas públicas, deixaram de lado a causa do povo e buscaram somente seus próprios interesses. O profeta se insere na luta contra a violência que a liderança apoia e, muitas vezes, são os participantes no sistema de opressão, com um sistema tributário com duros impostos que levam o povo a se afundar em problemas, dívidas, perdendo seus bens e ficando á mercê de líderes corruptos.

Miqueias 3,1-4 revela com fortes palavras a exploração que é cometida contra o povo de Javé e, denunciando tais atos, expõe claramente quem são os preferidos de Javé e as condições necessárias para alcançar sua benevolência. Assim é possível afirmar que o profeta assume uma posição de defensor, ou seja, ele defende aquele – e somente aquele – a quem ninguém defende. Sua vocação está atrelada à causa do oprimido e do vulnerável.

2 CONTEXTO HISTÓRICO

O profeta Miqueias atuou provavelmente no período de 725-701 a.C no reino de Judá e, como todo profeta, fala de uma realidade concreta, a partir do cotidiano de sua vida e da vida de seu povo. Qual era a realidade de Judá na época do profeta Miqueias?

Na segunda metade do século VIII a expansão imperial da Assíria, que tinha como objetivo dominar as rotas terrestres até o Egito, interferia nas relações externas e internas da região da Palestina. Esta constante ameaça do império Assírio fez com que, por volta de 734 a.C, se organizasse uma coalizão antiassíria, liderada pelo Rei de Damasco, Rasin, que contava com a participação de Israel e buscavam o apoio de Judá. Perante a negação de Judá à coalizão antiassíria, inicia-se a guerra siro-efraimita (735-734 a.C), na qual a Síria e Israel se levantaram contra Judá. Frente à ameaça do exército sírio e israelita, o rei Acaz (Judá) buscou apoio junto ao rei Teglat-Falasar III (Assíria), que solícito ao pedido, atacou e conquistou a cidade de Damasco (capital de Aram) e parte do território de Israel. Perante o apoio recebido na guerra siro-efraimita, o rei Acaz passou a pagar tributos à Assíria, tornando Judá um país vassalo do Império Assírio.

Israel havia perdido os territórios de Dor, na planície, Meguido e Galaad, restando apenas a montanha de Efraim no entorno da capital Samaria. Quando Oseias assumiu o governo de Israel, após ter assassinado o rei Faceia em 732 a.C, submeteu-se imediatamente ao poder assírio, tornando-se vassalo. Entretanto, o rei Salmanasar, que governava a Assíria neste período, descobre a conspiração de Oseias em comum acordo com o general Seve do Egito. Em represália, o exército assírio prende Oseias e cerca Samaria, que resiste por três anos (724-722 a.C). Após a morte de Salmanasar, assume seu filho, Sargão II, que conquista a Samaria e a torna capital da província Samerina do Império Assírio. Aproximadamente 27 mil de seus habitantes foram deportados neste período e outros, fugindo da guerra e da deportação, migram para Judá, aumentando a população de Jerusalém em 15 vezes, que passa de cerca de 1.000 para 15.000 habitantes (ROSSI, 2016, p. 77). Com esta derrota, chega ao fim, em 722 a.C, o Reino de Israel restando ao reino de Judá a “herança da identidade nacional e religiosa do povo que se conhecia como povo de Javé” (PIXLEY, 1989, p. 67).

Durante a queda de Israel, dominava em Judá o rei Ezequias que permanecera vassalo do Império Assírio mediante o pagamento de tributos. Entretanto, frente às agitações decorrentes da morte de Sargão e posse do rei Senaqueribe, o rei Ezequias preparava-se para tornar-se livre do domínio Assírio. Para isso, iniciou um grande programa de construções e reformas em Jerusalém: reconstrução dos muros da cidade, construção de um aqueduto de aproximadamente 534m de comprimento, construção de depósitos e estábulos, recrutamento e aparelhamento do exército. Obras de fortificação de cidades no interior de Judá também foram realizadas neste período. Essas medidas, segundo Zabatiero, não significaram somente o aumento de tributos para a realização das obras e manutenção do exército, mas também o “arregimentamento dos jovens para os trabalhos de construção” (1996, p. 17). A fim de fortalecer ainda mais seu país, por meio de uma identidade nacional-religiosa, e tornar possível uma vitória sobre o Império Assírio, o rei Ezequias inicia também uma reforma religiosa, impondo a monolatria e a centralidade do culto no Templo de Jerusalém, em detrimento dos cultos interioranos realizados nos “lugares altos”.

Entretanto, as pretensões político-militares de Ezequias não foram bem-sucedidas. Em 701 a.C, o rei Senaqueribe sitiou e tomou 46 cidades com as aldeias vizinhas do território

de Judá e as entregou aos seus fiéis vassalos filisteus, restando para Ezequias apenas a região de Jerusalém e a sua submissão ao rei Assírio. Este episódio ficou conhecido como cerco e conquista de Laquis, citado pelo profeta Miqueias em 1,13. Com a morte de Ezequias (697 a.C) assume o poder seu filho Manassés, que foi fiel vassalo da Assíria, e por tal fidelidade, recupera parte do território perdido na revolta de Laquis. Manassés também interrompe a reforma religiosa iniciada por seu pai, e restaura o culto nos lugares altos retomando o culto a Baal e Asherá, além de introduzir o culto às divindades assíria (“exército do céu”). Durante os 55 anos de seu reinado, Manassés conseguiu desenvolver novamente a economia de Judá, que se desenvolveu em direção ao sul, com inúmeros assentamentos surgidos nesse período e uma nova rota de comércio com os árabes, recuperando, assim, o país do desastre a que havia sido conduzido durante o reinado de Ezequias (KAEFER, 2015, p. 100).

Frente a essas grandes transformações nos cenários internacional e nacional, resultante das frequentes guerras e também da reforma religiosa de Ezequias, o povo vê-se, muitas vezes, desamparado e abandonado pelos líderes, tanto religiosos quanto políticos. É neste contexto que Miqueias atua, proferindo oráculos do Senhor em favor dos pequeninos da casa de Israel.

3 MIQUEIAS: O HOMEM REPLETO DO ESPÍRITO DE JAVÉ

Miqueias (*Micah*, no hebraico, “quem é como o Deus El?” ou “quem é como o Deus Javé?”), nascido em torno de 750 a.C, viveu na cidade de Morasti, uma vila do interior de Judá, 33 km a sudoeste da capital Jerusalém, próxima da cidade Gat (uma das cinco metrópoles filisteias). Morasti situava-se na região de Sefelá, uma das mais importantes áreas agrícolas de Judá, além de constituir-se, juntamente com outras cidades vizinhas, em cidade-fortaleza que garantia uma primeira linha de defesa das fronteiras de Judá com a Filisteia (ROSSI, 2016, p.70). A localização geográfica tornava esta cidade um posto avançado de fronteira, onde era possível observar as ações militares na região, como a dos assírios, que passaram por ela nos anos de 734, 711 e 701 a. C (CHAMPLIN, 2000, p. 3569). Miqueias era um homem do campo, embora não se possa determinar com precisão sua profissão. Conhecia de perto as dores e os sofrimentos do povo camponês, possivelmente tenha sido um dos líderes das famílias camponesas, um ancião. É contemporâneo do

profeta Isaías, no qual encontramos paralelismos em seus oráculos, apesar da origem urbana de Isaías, como o texto de Mq 4,1-3 e Is 2,2-4. Miqueias, por estar próximo dos camponeses, via de perto homens gananciosos desapropriando os pobres (Mq 2,1-9), os governantes revestidos de corrupção, praticando injustiças e agindo com crueldade inimaginável (Mq 3,1-9) e, quando seu olhar se voltava para os profissionais da religião, percebia que os sacerdotes permaneciam calados, temendo por suas vidas (Mq 3,5;11).

Miqueias se opõe aos poderosos de sua época, apontando-lhes seus erros decorrentes da ganância e acúmulo de bens. Critica fortemente as cidades, pois vê nelas o centro de toda exploração e violência (Mq 1,5) e por isso, talvez, espera o Messias que não provém delas, mas do interior, de Belém (Mq 5,1). Suas palavras são duras e trazem certo espanto (“devorar a carne”, “arrancar a pele”, “quebrar os ossos”), pois ele “não assume um ar de neutralidade diante daquilo que vê e constata” (ROSSI, 2016, p. 16). É este homem, fiel a Javé e repleto de seu espírito (Mq 3,8), que se torna a voz do “povo” de Javé e grita em seu favor.

4 ESTRUTURA DO LIVRO DE MIQUEIAS

O livro do profeta Miqueias é o sexto livro dos considerados profetas menores. Certamente não teve um único redator, notável por conter textos de períodos históricos distintos, apresenta textos provindos do reino do Norte, textos do próprio Miqueias e textos pós-exílicos. Apesar de certa divergência entre os estudiosos para delimitar a época de cada texto, existe uma certa unanimidade ao dizer que o trecho de Mq 6,1-7,7 teria sido produzido no reino do Norte e, com a destruição de Samaria e consequente migração para Jerusalém, foi levada para Judá e conservada dentre os escritos de Miqueias. Esses textos apresentam denúncias contra os crimes cometidos pelos governantes Amri, Acab e respectivos seguidores no período de 885-722 a.C. Do período pós-exílico constam os acréscimos de Mq 2,12-13; 4-5 e 7,8-20, que apresentam promessas de reconstrução de Sião e um hino de confiança em Javé (NOVA BÍBLIA PASTORAL, 2017, 1139-1140). De acordo com Zabatiero (1996, p.12), seria de autoria do próprio profeta Miqueias os trechos de 1,2-3,12 mais algumas inserções do capítulo 5. A redação final do livro também remete ao período

pós-exílico, organizando-o alternadamente entre ameaças e promessas, o que teria amenizado a dureza dos originários oráculos de Miqueias.

Adotamos a proposta apresentada por Zabatiero (1996, p. 27-28) para o arranjo estrutural do livro de Miqueias, por apresentar bem delimitada a perícopes em estudo, segue:

O TÍTULO DO LIVRO (MQ 1,1)

I – JUÍZO E ESPERANÇA PARA JERUSALÉM (MQ 1-5)

A – 1,2-1,6 *Liturgia teofânica de juízo*

- 1) 2-7 Teofania do juízo de Javé
- 2) 8-16 Lamento individual

B – 2,1-3,12 *Os crimes de Jerusalém*

- 1) 2,1-5 Acumulação de terras (contra os homens)
- 2) 2,6-13 Profetas mercenários (contra as mulheres e crianças)
- 3) 3,1-4 Tribunais corruptos
- 4) 3,5-8 Profetas mercenários
- 5) 3,9-12 Jerusalém de sangue

C – 4,1-5,12 *Esperança para Jerusalém e o resto de Judá*

- 1) **A** 4,1-5 Jerusalém, o centro de peregrinação das nações
- 2) **B** 4,6-7 Javé reina sobre o remanescente
- 3) **C** 4,8 A promessa do Libertador
- 4) **D** 4,9-13 As dores de parto de Jerusalém
- 5) **E** 4,14 A humilhação do Juiz de Israel!
- 6) **D'** 5,1-3 Um novo rei para o povo de Deus
- 7) **C'** 5,4-5 A vitória do Libertador
- 8) **B'** 5,6-8 A força do remanescente
- 9) **A'** 5,9-14 O fim da guerra entre nações

II – JUÍZO E ESPERANÇA PARA A CIDADE (MQ 6-7)

A – 6,1-8 *Liturgia teofânica e juízo*

B – 6,9-7,7 *Os crimes da cidade*

- 1) 6,9-16 Os crimes da cidade
- 2) 7,1-7 Lamento pelos crimes e castigos

C – 7,8-20 *Esperança para a cidade e o resto de Judá*

- 1) 8-10 Pecado e salvação do povo de Deus vs. a vergonha dos inimigos
- 2) 11-13 Esperança e libertação do povo vs. desolação dos inimigos
- 3) 14-17 Proteção para o povo de Deus vs. medo dos inimigos
- 4) 18-20 Infidelidade do povo de Deus vs. fidelidade e perdão de Javé.

5 “VOCÊS SÃO GENTE QUE DEVORAM A CARNE DO MEU POVO”

A perícopes em estudo (Mq 3,1-4) encontra-se, portanto, dentre os oráculos considerados próprios do profeta Miqueias, o que de início já expõe a dureza e severidade das palavras nela contidas:

¹Escutem bem, chefes de Jacó, governantes da casa de Israel!

Por acaso, não é obrigação de vocês conhecer o direito?

²Inimigos do bem e amantes do mal, vocês arrancam a pele das pessoas e a carne de seus ossos.

³Vocês são gente que devora a carne do meu povo e arranca suas peles; quebra seus ossos e os faz em pedaços, como um cozido no caldeirão.

⁴Depois, vocês gritarão a Javé, mas ele não responderá.

Nesse tempo, ele esconderá o rosto, por causa da maldade que vocês praticam.¹

A perícopes acima, caracteriza-se claramente pela estrutura de denúncia e ameaça ou condenação. No v.1^a, temos os destinatários do discurso do profeta, *chefes de Jacó e governantes de Israel*, portanto os poderosos de Judá. Na sequência, encontramos a denúncia realizada pelo profeta, *conhecer o direito* é a obrigação dos chefes de Jacó, entretanto são eles próprios que agem contra o direito, pois são *inimigos do bem e amantes do mal*. Para mostrar o quão cruéis são as práticas dos chefes e governantes, no v. 2b e 3 o profeta faz uso de palavras que remetem ao extremo da exploração e destruição de um ser vivo: *arrancam a pele – quebram seus ossos – faz em pedaços*. Depois da denúncia, no v. 4, encontramos a ameaça de que Javé abandonará os que atuam com crueldade: *ele*

¹ Nova Bíblia Pastoral, 2017.

esconderá o rosto. Certamente que Miqueias escreve a partir da perspectiva dos mais fracos. Ele enxerga claramente que a violência está impregnada na cidade de Jerusalém. Por causa disso, a crítica que ele estabelece contra as autoridades é a de que detestavam a justiça e torciam o direito. A respeito dos interesses das autoridades encasteladas em Jerusalém, Rossi e Erdos (2013, p. 333.336) assim afirmam:

Para Miqueias, seus interesses giravam em torno de Sião-Jerusalém. A intenção era clara, queriam melhorar a capital, torná-la um grande espetáculo. Miqueias, por estar fora da cidade, longe de seus grandes edifícios, condena e não acredita em seus tribunais, não deseja a paz da cidade, pois todo o progresso estava sendo construído à base de injustiças, com o sangue do pobre e do inocente.

Miqueias retrata os acumuladores de riquezas como homens insaciáveis que, mesmo à noite, recolhidos em suas camas, sonhavam e planejavam novas formas de obter lucro através da violência e da opressão. E, bastava o dia amanhecer, para que eles colocassem em prática seus planos inescrupulosos. Aos olhos do profeta os acumuladores de riqueza são assassinos em potencial. São, na verdade, homens que cometem violência, oprimem, enganam, roubam e trazem consigo a ruína dos camponeses.

Observemos alguns pontos importantes desta perícopes:

- 1) *Escutem bem*: o profeta exorta os destinatários a prestarem atenção sobre o que irá pronunciar. Mas, por que devem escutá-lo? No v. 8, encontramos uma possível resposta para essa questão: *Eu, porém, estou repleto de força, do espírito de Javé, do direito e de fortaleza, para denunciar a Jacó o seu crime e a Israel o seu pecado*. Nesse versículo, encontramos respaldo para creditar o que será proferido por Miqueias, pois ele está repleto do espírito de Javé, diferentemente dos falsos profetas denunciados nos versos 5-7.
- 2) *Chefes de Jacó e governantes de Israel*: apesar da aparente referência ao reino do Norte (Jacó e Israel), certamente o profeta se dirige ao reino de Judá. Os “chefes” e “governantes” representam o poder estatal e possuem a autoridade política e jurídica, sendo responsáveis pela administração da justiça nos tribunais locais, pelo recrutamento militar e para a corveia (ZABATIERO, 1996, p. 66-67). Maillot e Lelièvre acentuam o caráter divino do poder concedido aos chefes e governantes, pois “é precisamente porque a

autoridade dos ‘chefes’ vem de Deus que se pode censurá-los por suas injustiças, explorações e violências” (1980, p.74). Gottwald (apud Rossi e Erdos, 2013, p. 102) afirma que a mensagem do profeta, além da preocupação com os centros urbanos, foi direcionada especificamente contra os chefes políticos e religiosos que eram os responsáveis pela deterioração da antiga ordem tribal de igualdade comunal. Portanto, Miqueias anuncia palavras de juízo contra os ricos e poderosos que estavam violando as pessoas e suas propriedades, deixando-as despidas e sem forças para lutar.

- 3) *Conhecer o direito*: muito mais que um saber teórico simplesmente, refere-se à prática e à vivencialidade do direito. Segundo Zabatiero, o verbo “conhecer” nesta perícope teria “o sentido de capacidade e habilidade no tratamento das questões judiciais” que envolveria conhecer as diferentes formas do direito (tradicional, oral ou codificado) e, também, a sabedoria necessária para decidir uma questão judicial. Segundo o mesmo autor, a palavra “direito” refere-se às sentenças pronunciadas nos julgamentos (1996, p. 67).
- 4) *Inimigos do bem e amantes do mal*: em Am 5,15, encontramos claramente uma condição para que Javé aja com misericórdia, para isso seria necessário que passassem a odiar o mal e amar o bem, restabelecendo, assim, o direito. Miqueias expõe a atuação contrária dos chefes de Judá à orientação de Amós. Pois, estes amam o que é mal praticando a injustiça nos tribunais em favor de seu próprio benefício. Sentenciam mediante suborno, em favor dos ricos e latifundiários.
- 5) *Devorar*: em forma de metáfora, Miqueias alude ao fato de que os “chefes” e “governantes” praticam o mesmo que os animais selvagens frente a sua presa, devorando-a totalmente (pele, carne e ossos), assim também, quando praticam a injustiça em seus tribunais condenam os injustiçados à inexistência, pois roubam-lhes a terra, a dignidade e a esperança.
- 6) *Meu povo*: esta expressão demarca nitidamente a opção de Javé, separando aqueles que “são seus” daqueles que “não são seus”. Pertencem, portanto, ao povo de Javé aqueles que são “devorados” pelos “chefes de Jacó” e pelos “governantes de Israel”, sendo esses aqueles que não pertencem a Javé. Trata-

se de uma expressão – “meu povo” – que aparece várias vezes no livro do profeta, a saber: 1,9; 2,4; 2,8; 2,9; 3,3; 3,9. Meu povo designa, provavelmente, os camponeses da região da Sefelá que nos fins do século VIII, tentavam conservar sua identidade de clã, tanto nas relações sociais quanto na produção, porém estavam sendo empobrecidos violentamente. Schwantes (apud ROSSI; ERDOS, 2013, p. 577) observa que “‘meu povo’ não estava sendo acusado, ele era inocente; os acusados eram os profetas que estavam desviando o povo da verdade” (Mq 3,5).

- 7) *Esconderá o rosto*: muito mais do que apenas uma expressão de reprovação dos atos cometidos, equivale em hebraico a: voltar as costas a eles (MAILLOT; LELIÈVRE, 1980, p. 71). Diferentemente, a ação de Javé em Ex 3,7, que ouve o clamor do seu povo, em Miqueias, Javé não responderá ao grito e esconderá a face perante aqueles que praticaram a maldade.

O povo sofrido do interior de Judá é obrigado a arcar com os altos tributos recolhidos para sustentar a corte em Jerusalém e o Império Assírio, além da constante instabilidade causada pelos inúmeros confrontos armados, é obrigado a conviver com exércitos permanentes em seus territórios, encontram em Miqueias um porta-voz de seus sofrimentos. Este povo, não bastasse o sofrimento causado pela situação político-econômica externa, é ainda alvo da ambição de seus próprios compatriotas. Pois, de acordo com Zabatiero (1996, p. 17), uma das formas de aferir riqueza durante o reinado de Ezequias era através do financiamento do campesinato endividado pelos tributos e pela corveia. Perante o não pagamento da dívida, o devedor entregava suas terras aos seus credores, surgindo, assim, latifúndios altamente lucrativos, principalmente na região do profeta Miqueias, onde se localizava uma das mais férteis terras. Frente ao endividamento e a conseqüente perda de suas terras, restava ao camponês devedor recorrer aos tribunais a fim de obter prazos maiores e nova forma de negociação ou mesmo o perdão de sua dívida (Dt 15,1). Entretanto, os juízes corrompidos pelo dinheiro dos ricos latifundiários, eram como feras selvagens que, ao invés de proteger o injustiçado, devorava-o completamente. Não restava esperança aos conterrâneos de Miqueias, eram explorados e

desamparados por todos, seus pequenos corpos/terras nutriam e fortaleciam os grandes latifundiários, que sentença a sentença se tornavam mais poderosos e vorazes.

O escândalo das palavras de Miqueias, comparando seres humanos a “cozido de panela” para serem “devorados” pelos seus pares, explicita na mesma intensidade a selvageria da exploração a que estavam submetidos o “povo de Javé”. Em decorrência desta realidade, Miqueias denuncia claramente “a Jacó o seu crime e a Israel o seu pecado” (Mq 3,8). Com audácia delimita os pertencentes “ao povo de Javé” e sentencia à rejeição de Javé aqueles que amam o mal e odeiam o bem.

Encontramos, portanto, aqui uma definição de quem pertence ao “povo de Javé”: são os explorados, os desamparados, aqueles a quem lhes foi roubado tudo (terra, dignidade, esperança, vida), os que são condenados a inexistência para manter uma classe rica e ambiciosa, aqueles que não encontram mais forma de sobreviver neste mundo. A estes Javé ouve e volta sua face e lhe concede a paz (Nm 6,26). Aos que praticam a maldade, aos que cobiçam os campos, e os roubam, querem uma casa, e a tomam (Mq 2,2), Javé esconderá sua face (Mq 3,4) e serão destinados à exclusão da pertença ao “povo” de Javé.

6 AS PALAVRAS DE MIQUEIAS NO HOJE DA VIDA

As palavras do profeta Miqueias são tão vivas e eficazes, que foram recordadas pelos anciãos da terra 100 anos após serem proferidas (Jr 26,17-19), e são recordadas hoje com a mesma vivacidade e eficácia. O cenário não mudou: altos tributos; dívida externa; elite exploradora; empréstimos bancários; endividamentos e penhora da terra; cobrança e execução da dívida; busca pelo sistema judiciário marcado pela morosidade; carestia e injustiça; perda da terra, da dignidade e da esperança; inexistência individual e coletiva; fortalecimento dos ricos latifundiários; os pequenos proprietários de terra que tentam sobreviver com uma agricultura familiar de subsistência frente ao amplo aparato tecnológico do agronegócio. Mas quantos outros compõem o “povo” de Javé hoje? Certamente incluiríamos muitos dos nossos contemporâneos nesta categoria, citemos alguns: o proletariado rural e urbano (cortadores de cana de açúcar, por exemplo, ou costureiras das inúmeras facções que pagam por produção, para citar uma classe

trabalhadora); pequenos comerciantes que fecham suas portas frente à imensa carga tributária; pequenas indústrias familiares que não fazem frente às grandes transnacionais; autônomos que têm o mínimo de seus direitos trabalhistas garantidos; povos originários que lutam incessantemente para ter preservado o direito da existência de sua etnia; e muitos e muitos outros.

Ao se tornar conhecido o “povo” de Javé, revelam-se também aqueles que não são o seu povo escolhido. Miqueias não era neutro, por isso o espírito de Javé estava com ele, e o fez porta-voz dos injustiçados. A fé em Javé pressupõe a não neutralidade. Se Miqueias nos ajuda a reconhecer naqueles que são selvagemmente explorados à presença do “povo” de Javé, deve do mesmo modo nos ajudar a nos posicionar a favor destes e contra os amantes da maldade (cf. Mq 3,2). Uma fé neutra é uma fé inútil. Crer no Deus de Abraão, Isaac, Jacó e Jesus Cristo nos conduz à prática do direito e da justiça, a amarmos o bem e odiarmos o mal, a denunciarmos, também nós, os crimes de Jacó e os pecados de Israel.

7 CONCLUSÃO

A violência – selvagem exploração – não é estranha aos textos bíblicos. Poderíamos até mesmo pensar em formas de opressão e de violência como uma categoria básica da teologia bíblica. Nos textos do profeta Miqueias, a violência se manifesta sob as mais diferentes formas e atinge pessoas reais, ou seja, homens e mulheres que têm endereço, família e direito à vida. Todavia, é necessário salientar, que se trata de uma violência que atinge as pessoas de maneira seletiva, ou seja, os camponeses estão sofrendo a violência através das mãos de seus líderes. Por isso, Miqueias nos mostra que a violência e a pobreza não podem ser consideradas dados naturais ou divinos. Por trás de cada ato de violência, está a mão de um sujeito da violência, com suas múltiplas formas de opressão. E entre a violência do violento e a vítima – meu povo – que se arrasta para sobreviver se encontra o profeta com sua palavra denunciadora.

Javé continua, assim como na época do profeta Miqueias, a escolher “seu povo”. Não podemos negar que o profeta nos oferece um bom critério para identificá-los. Pertencem ao “povo” de Javé os que ainda hoje são selvagemmente explorados e, por sua vez, estão excluídos aqueles que fazem da exploração e da violência um estilo de vida. Os

cantos de louvor, as súplicas, as adorações, os sacrifícios que enchem os templos e que, aparentemente, expressam a fé em Javé são colocados em cheque pelo profeta, pois serão aceitas ou não por Javé mediante a maldade que foi ou não praticada. Reforça-se, então, a verdade sobre a fé expressa por São Tiago: “a fé, se não tem obras, está morta em si mesma” (Tg 2,17). Pois Javé esconde o seu rosto daqueles que praticam a maldade (Mq 3,4).

Talvez a inquietação que a perícopes de Miqueias nos impõe hoje seria: perante a selvagem exploração a que o povo de Javé é submetido, o que minha fé, neste mesmo Deus, tem-me levado a agir em prol daqueles que continuam a ser explorados? Estou do lado dos explorados ou dos exploradores? Amo a justiça e o direito e detesto a maldade ou meus atos revelam o contrário? Perante meu clamor, Javé me ouve ou esconde de mim o Seu rosto? Diante dos grandes e complexos desafios da atualidade concernente à problemática apontada pelo Profeta Miqueias, como os cristãos tem vivido sua fé?

REFERÊNCIAS

KAEFER, José Ademar. *A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá*. São Paulo: Paulus, 2015. (Nova coleção bíblica).

MAILLOT, Alphonse; LELIÉVRE, A. *Atualidade de Miqueias*. Um grande “profeta menor”. São Paulo: Paulinas, 1980.

NOVA BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2017.

PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir do pobre*. Petrópolis: Vozes, 1989. (Coleção Deus conosco).

ROSSI, Luiz Alexandre Solano, (org). *Miqueias: memórias libertadoras de um líder camponês*. São Paulo: Paulinas, 2016. (Coleção pão da palavra).

ROSSI, Luiz Alexandre Solano; ERDOS, Ivanilza. A construção social das vítimas em Miqueias. In: *Pistis & Práxis*. Curitiba, v. 5, n. 2, p. 563-586, jul./dez., 2013.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano; ERDOS, Ivanilza. O discurso profético de Miqueias em meio à violência e opressão e sua relevância para a atualidade. In: *Estudos da religião*, v. 27, n. 2, p. 94-113, jul./dez., 2014.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano; ERDOS, Ivanilza. Os agentes de violência e suas formas de opressão em Miqueias. In: *Estudos Teológicos*, v. 53, n. 2, p. 325-337, jul./dez., 2013.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Miqueias: voz dos sem-terra*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1996. (Comentário Bíblico – AT).